



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CORDEL: GÊNERO DE RESISTÊNCIA NA PELEJA DO SOCIAL COM O ENSINO ELITISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor: Paulo Cesar Ferreira Soares

Coautor: Maria Socorro Cordeiro de Sousa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN - Email:

paulosuares@outlook.com corrinhacordeiro@hotmail.com

RESUMO: A utilização da poesia popular na instrução de pessoas é historicamente significativa. Este artigo pretende analisar o ensino de língua portuguesa na educação básica com foco na literatura de cordel, visto que esta apresenta características de leitura, oralidade e escrita que podem promover um melhor aproveitamento das habilidades e competências dos alunos não apenas numa perspectiva fechada na gramática normativa, nem também restrita à área de linguagens e códigos; mas numa abordagem interdisciplinar. É imprescindível compreendermos o papel pedagógico do cordel, bem como sua função de resistência contra a elitização do ensino de língua portuguesa em nossas instituições de ensino. Para isso contaremos com as teorias de pesquisadores como MARCUSCHI (2008), BAKHTIN (2006), TERRA (1983), dentre outros que projetam a questão de gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel, Resistência, Elitismo, Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO:

A literatura de folhetos no Nordeste apresenta-se há décadas como veículo de comunicação do povo. O cordel é gênero ligado diretamente à tradição oral. Através da memória, o cantador relatava a vida comunitária, a problemática da seca, o misticismo e outras questões sociais que atraíam a atenção das pessoas. “A literatura de cordel foi assim denominada pelo fato de os folhetos serem expostos pendurados em cordões (DIÉGUES JR, 1977, p. 03)”.

Mesmo com essa identificação cultural da sociedade com a literatura de cordel, as unidades de ensino e/ou o ensino de língua portuguesa na nossa região não primam de maneira satisfatória por essa arte pedagógica contida no folheto. Ainda nos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

deparamos com uma descontextualização nas práticas de ensino voltadas para a compreensão linguística.

A relação entre língua e sociedade, isto é, dos efeitos que o social exerce sobre a língua é fator decisivo para o entendimento de determinados comportamentos dos alunos diante do conhecimento repassado pela escola. Nesse sentido, uma hipótese aceitável neste estudo, seria a de que o cordel, com todas as suas peculiaridades narrativas, estéticas, sonoras e conseqüentemente linguísticas, deveria compor o quadro sistemático das atividades docentes.

Bakhtin (2006) afirma que o signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Podemos dizer que há uma camada de preconceito sociocultural no trato da língua portuguesa. A proposta de pluralidade no ensino do português focalizada nos PCNs ainda está longe de ser concretizada no interior das escolas e no decorrer das aulas.

Nossa pesquisa preza por uma emergente e contínua instrumentalização do folheto de cordel como forma de conceber a aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, bem como uma maneira de inclusão cultural e/ou da não exclusão linguística preconizada pela gramática normativa.

DOS OBJETIVOS À COMPREENSÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

Lima (2.000) afirma que no mundo do cordel, deparamo-nos com textos que se constroem a partir das experiências de vida dos poetas. Ainda sobre esse comentário, vejamos a opinião seguinte: “Muitos folhetos daquela época foram versificados a partir de leituras de jornais [...] (TERRA, 1983, p. 43)”.

Nosso objetivo é mostrar a relevante fonte pedagógica a ser extraída da literatura de cordel, bem como denunciar o preconceito que a linguagem sofre em salas de aula, mais precisamente no ensino de língua portuguesa. Há uma luta de classes refletida também no interior das salas de aula, por isso, vimos no cordel um gênero cultural de combate à opressão linguística.

Na afirmação de Terra, podemos enxergar que o folheto era uma espécie de jornalismo popular, mas com caráter literário e não só denotativo. Outro objetivo que pretendemos alcançar nessa pesquisa diz respeito à novas estratégias de ensino que o cordel pode suscitar em nossas escolas, ou seja, a dramatização das narrativas, os debates em torno de temas polêmicos, a reescrita com base em outros gêneros, dentre inúmeras outras formas de criar o hábito da leitura no alunado.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Bagno (2001) no Brasil, ainda hoje, existe uma grande parte da população limitada aos aspectos orais da língua, sem acesso à modalidade escrita, isto por conta da precariedade das instituições escolares. Notamos então que nesse cenário, a falta de atrativos em nossas aulas de português tem afastado o aluno da escola. Este está cercado de interesses linguísticos mais eficientes na rua onde reside, no bate-papo com os colegas (muitas vezes no mundo virtual), nos noticiários de TV, dentre outros. “De fato, nosso discurso é o de igualdade, mas ainda praticamos uma escola seletiva que não abriga adequadamente as diferenças (PENIN, 2002, p.36)”.

Uma hipótese também viável mostra que o trabalho docente com o cordel desperta o senso crítico, aponta para uma compreensão histórica e amplia os debates acerca da atual realidade do ensino de língua portuguesa. “O que tem relevância para o leitor é a relação do texto com o autor [...] a relação do texto com outros textos, a relação do texto com o seu referente e a do texto com o leitor (ORLANDI, 1983, p. 172)”.

O texto é um produto ideológico. Para Soares (1988) um texto multiplica-se em infinitos textos, e cada leitura constitui um novo texto, produto de determinações múltiplas. Na nossa concepção, temas, sonoridade, estética e conteúdo sendo bem valorizadas em forma de atividades diversificadas contribuem para o processo de aquisição da aprendizagem.

É no reconhecimento de legitimidade da nossa identidade cultural e, em reflexo, da literária que as escolas farão parte do desenvolvimento histórico e assim terão condições de induzir os alunos para o hábito da leitura e os professores para a busca de estratégias de ensino com base na heterogeneidade das salas de aula e transformação constante da língua.

O folheto de cordel, sendo um gênero textual, deve ser representado como vivo e atuante nesse contexto educacional. Todavia, observamos uma realidade diferente no trato com este gênero. Galvão (2010) fala sobre uma gradativa “morte” do folheto devido a fatores como a influência dos meios de comunicação e a falta de interesse de uma sociedade cada vez mais industrializada. E acrescentemos a esse comentário, a seguinte colocação: “No modo de produção capitalista, o antagonismo reside na oposição entre trabalho e o capital [...] as classes dominantes detêm não apenas domínio material, mas também domínio político e ideológico sobre as classes dominadas (SOARES, 1986, p 81)”.

Outro ponto a ser considerado como preocupante está relacionado ao trabalho “isolado” dos educadores de língua portuguesa nas nossas escolas, ou seja, há das demais áreas do conhecimento e também da gestão, uma demasiada cobrança em torno do professor de português, isto sem uma tentativa de cooperação efetiva, sem um olhar



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para a coletividade. “A linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo, e exige dos professores essa perspectiva em situação didática (PCNs, 2000, p. 05)”. É essa perspectiva didática que não observamos em nossas escolas quando se fala em ensino de língua materna.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA:

As pesquisas com o cordel, seu uso instrumentalizado e/ou sistematizado seria uma maneira de o aluno (ser social) lidar com as variantes linguísticas encontradas na sociedade. Tarallo (1986) diz que variantes linguísticas são diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

Nosso método científico para a pesquisa aqui proposta tem no bojo da vasta produção da literatura de cordel um caminho profícuo para autenticar a riqueza desta arte poética tipicamente nordestina. Já que mesmo oriunda de países europeus, foi na região Nordeste que o folheto adquiriu identidade própria. “Folhetos”, “livrinho de feira”, “romance”[...] eram denominações que os leitores/ouvintes utilizavam (GALVÃO, 2010, p. 26/27)”.

Mesmo caracterizado pela presença marcante da oralidade, o cordel é, segundo Galvão (2010) um gênero necessariamente impresso. Assim sendo, os professores de língua portuguesa podem ter acesso aos folhetos, bem como, o que mereceria um estudo à parte, à xilogravura que ilustra a capa desses cordéis. Vemos o cordel com prática social e é no ensino de língua materna que essas práticas sociais se refletem. “O palco por excelência dos conflitos intersociedadeis é a escola, sobretudo, a pública, para onde convergem, predominantemente, crianças e jovens das classes populares (SILVA, 2012, p.06)”.

Alguns estudos sobre o gênero cordel em sala de aula tendem a “congelá-lo” numa determinada época; por isso iremos utilizar material (teórico/crítico) recente acerca de movimentos literários contemporâneos os quais se expressam através da literatura de cordel. Um ponto a ser mencionado nessa fase da pesquisa diz respeito à problemática metodológica que as escolas apresentam ao tentar trabalhar aquilo que está “fora” do livro didático.

Para isso, aplicamos os conceitos de gêneros discutidos por Marcuschi como forma de embasar metodologicamente o trabalho com o cordel nas aulas de português, bem como numa abordagem interdisciplinar. Para Marcuschi (2008) os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados. Assim, poderemos indicar, por exemplo, uma atividade baseada na oralidade e o professor teria o NARRAR como ponto de partida das capacidades de linguagem dominantes. Nessa parte dos estudos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

preconizados por Marcuschi, o aluno teria diante de si, os contos maravilhosos, as fábulas, as lendas, dentre outras narrações que o folheto expressa.

Entrevistamos, no decorrer da pesquisa, um total de 10 (dez) docentes de língua portuguesa de escolas públicas durante os meses de fevereiro a junho de 2015. Estes se posicionaram acerca do cordel e da sua relação com a gramática e/ou o livro didático. Vejamos um trecho de uma entrevista* com um desses profissionais:

“Costumo trabalhar com meus alunos aquilo que o livro didático traz, mas, também, vez ou outra, peço pra que os alunos pesquisem algo sobre a cultura local e dentre essas pesquisas alguns falam sobre a literatura de cordel. Reconheço que os livros fazem apenas uma explanação desse gênero”[...]

Como nosso método é qualitativo não vamos aprofundarmos nos relatos extraídos nas entrevistas, estes servirão como resultados e/ou comprovação das teorias aqui discutidas em torno do ensino de língua portuguesa. Contudo, observamos na colocação supracitada aquilo que tratávamos anteriormente, ou seja, da ausência de estratégias de uso dos gêneros, mais especificamente da literatura de cordel, no interior das nossas escolas.

Para Bakhtin (2006) todo fato gramatical foi, a princípio, estilístico e a língua em suas individualizações é concreta, histórica e assim produtiva. Para esse método, nos detemos na teoria do autor supracitado, pois é essa compreensão da língua enquanto ação cotidiana que pretendemos discutir com os docentes de língua portuguesa os quais muitas vezes se pautam em um ensino tradicional e/ou conservador. Vejamos a colocação de Marcuschi (2008):

“Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para “enfeite” e até para distração dos alunos (MARCUSCHI, 2008, p. 207)”.

Cabe ao gestor escolar prestar suporte ao professor para que este desenvolva pesquisas frequentes no intuito de recriar estratégias de ensino, do contrário, inúmeros gêneros, dentre eles o cordel, continuarão como enfeite nas nossas salas de aula. É preciso também que as universidades contribuam para esse projeto de extensão social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Visto que a literatura aqui apresentada representa uma cultura não somente local, mas de caráter universal.

Para Nery (2012) o ensino de língua portuguesa nunca esteve tão dependente dos livros didáticos. Estes, por sua natureza, apresentam conceitos engessados sobre os gêneros. Nesta concepção, partiremos para uma análise discursiva em meio aos resultados obtidos com as entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os dados obtidos nesta pesquisa permitiram que olhássemos com mais atenção para o gênero cordel como marca da cultura nordestina e instrumento pedagógico contra o elitismo do ensino de língua portuguesa. Dentre os resultados podemos dizer que:

- Os professores entrevistados (num total de dez) afirmaram conhecer a relevância da literatura de cordel para as atividades em sala de aula; contudo, mostraram-se, em sua maioria, seguidores frequentes do livro didático;
- Em relação ao conhecimento do problema, os entrevistados afirmaram que vão pesquisar com mais profundidade acerca de atividades com o cordel para as aulas de língua portuguesa;
- Os docentes apontaram para a questão pedagógica em suas escolas, isto é, eles foram unânimes em afirmar que o núcleo gestor está mais voltado para a normatização do ambiente escolar, e o acompanhamento pedagógico fica, geralmente, em segundo plano;
- Apenas três dos dez entrevistados tinham conhecimento satisfatório acerca da história da literatura de cordel, o restante afirmou que preferiam outros gêneros narrativos como a fábula e o conto;

Através desses resultados vimos nas teorias estudadas aqui que seria necessário um trabalho de parceria entre núcleo gestor e professor, entre professor e aluno e entre professor/aluno e sociedade. Pois, sendo o cordel um gênero deveria ser assimilado pelos atores participantes do processo histórico e inseridos numa conjuntura social em constante transformação.

Faz-se ainda necessário um trabalho efetivo em prol de gêneros “de segundo plano” como afirma Marcuschi. Esses gêneros, assim como o cordel são interdisciplinares por natureza podendo ser explorados em sintonia com outras áreas do conhecimento repassado pela escola. Pinto (2004) nos diz que carecemos de vínculos com o passado porque em certa medida os rejeitamos.

Se a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relação de dominação e resistência, o folheto de cordel está na vanguarda dessa luta no interior das escolas. Para os PCNs (2000) aprende-se a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

valorizar determinada manifestação porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade. O ensino de língua portuguesa precisa resgatar essa identidade cultural oriunda do povo para que as novas gerações possam se apossar da sua própria história.

CONCLUSÃO:

Pudemos refletir neste trabalho acerca do gênero textual cordel, bem como seu papel pedagógico nas aulas de língua portuguesa e também como fulcro interdisciplinar. O referencial apresentado aqui permite que gestores, professores, educadores em geral possam “reabilitar” a arte nordestina da literatura de cordel nas nossas escolas, no que tange aos projetos de longo prazo, ao currículo sistematizado e não apenas genericamente.

Os estudiosos que embasaram essa pesquisa foram meticulosamente selecionados pelo conhecimento não só da literatura de folhetos como também dos aspectos educacionais da sociedade contemporânea com suas inúmeras mazelas sociais as quais se refletem no ambiente escolar.

O cordel é um símbolo identitário de resistência contra o elitismo que ainda norteia o ensino da língua portuguesa fazendo com que o docente se prenda ao livro didático e/ou aos conceitos gramaticais referentes à normatização. O folheto nordestino é uma ferramenta pedagógica sempre renovável e funcional.

Portanto, esperamos que esta pesquisa contribua para uma nova concepção de literatura de cordel nas escolas, nas salas de aula, nos encontros de professores em geral, assim, poderemos compreender melhor a nossa história, a nossa cultura, e repassá-la de geração em geração.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABREU, Márcia. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos**. Um estudo histórico-comparativo. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1993.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**, São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo: HUCITEC, 2006.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravuras: os percursos da criação popular**, São Paulo: VSP, 1995.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura de Cordel**, Rio de Janeiro. Funarte, 1977.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NERY, Marta. **A oralidade nos livros didáticos de língua portuguesa**, In: Revista Língua Portuguesa, escala educacional, nº41, 2012.
- ORLANDI, E.P.A. **A linguagem e seu funcionamento, as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (E.M.) Parte II: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. MEC, 2.000
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. **Didática e Cultura: O ensino comprometido com o social e a contemporaneidade**, In: Ensinar a Ensinar: Didática para a escola fundamental e média, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SOARES, Magda. **As condições sociais da leitura; uma reflexão em contraponto**. In: Leitura perspectivas interdisciplinares, São Paulo: Ática, 1988. p 18-29
- SOUSA, João Bosco Alves. **Contanto histórias – fazendo história: Experiências com os poetas cordelistas do Cariri**, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2002.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**, São Paulo: Ática, 1986.
- TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**, São Paulo: ed. Global, 1983.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO